

CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO DA GESTÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE NARRATIVAS

Alex Alves Silvestre¹

RESUMO

Este estudo integra uma pesquisa de mestrado² em andamento, que investiga como, onde e em que contextos questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia são percebidas ou negligenciadas cotidiano de escolas públicas, a partir das narrativas de diretores escolares. Fundamenta-se em estudos de gênero e sexualidade (Butler, 2017; Louro, 2018; Hooks, 2013), que compreendem a escola como espaço de disputas e relações de poder. A pesquisa é qualitativa, com abordagem da História Oral (Portelli, 2016) e uso de entrevistas narrativas com oito diretores de diferentes etapas da educação básica em Teresina (PI). A seleção dos participantes inicia-se com um questionário aplicado a vinte e quatro diretores, correspondendo ao triplo do número final de entrevistados, com o objetivo de identificar narradores cujas experiências dialoguem com os objetivos da investigação. Os dados são analisados por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2016), articulando dimensões individuais, institucionais e socioculturais. Resultados parciais indicam que, embora haja reconhecimento da presença da LGBTQfobia, os diretores enfrentam dificuldades para intervir de forma sistemática devido a lacunas formativas, resistências culturais e falta de suporte institucional. Práticas pontuais de acolhimento emergem, sinalizando caminhos para uma gestão mais inclusiva e para a consolidação da escola como espaço seguro e democrático para todos.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. LGBTQfobia. Gestão Escolar. História Oral.

1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre gênero, sexualidade e LGBTQfobia no contexto educacional têm ganhado visibilidade, estudos como os de Louro (2018), Butler (2017) e Bento (2021) demonstram que o ambiente escolar é atravessado por práticas pedagógicas que, muitas vezes, reforçam estigmas e exclusões. Esse recorte temático, apesar do crescente interesse acadêmico, ainda há uma lacuna de pesquisas focadas no diálogo entre as questões de gênero e sexualidade na gestão escolar, tendo como predominância de estudos voltados ao contexto de professores e estudantes.

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE), allexped79@gmail.com

² Mestrado em Ensino e Formação Docente (PPGEF/UNILAB-IFCE), estudo em desenvolvimento no ano de 2025, sob a orientação da Prof^a Dra. Silviana Fernandes Mariz (UNILAB).



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

Diante desse contexto, o problema de pesquisa deste trabalho é: como as questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia se manifestam e são percebidas no cotidiano da gestão escolar a partir das narrativas de diretores de escolas públicas em Teresina (PI)?

Com base nesse problema, a pesquisa tem como objetivo geral analisar, por meio das narrativas de diretores escolares, como as questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia são vivenciadas, percebidas e/ou silenciadas nas instituições de ensino. Entre os objetivos específicos, destacam-se: identificar situações de discriminação ou exclusão relacionadas à LGBTQfobia relatadas pelos diretores; compreender as estratégias de gestão adotadas para lidar com conflitos e promover inclusão; e discutir as implicações dessas percepções para a formação docente e para a organização dos currículos escolares

Assim, compreender as narrativas de diretores permite analisar de que modo essas questões são abordadas, percebidas ou não visualizadas no cotidiano das instituições, contribuindo para reflexões teóricas e práticas sobre gestão escolar inclusiva.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa se ancora em autores que problematizam os dispositivos normativos de gênero e sexualidade, permitindo compreender como essas questões atravessam o cotidiano escolar. Scott (1995), Butler (2017) e Louro (2018) abordam a construção e regulação de corpos e identidades, enquanto Bento (2021) e Hooks (2013) evidenciam os efeitos do silenciamento em espaços de socialização, como a escola. Candau (2012) destaca perspectivas interculturais no currículo, sinalizando desafios da educação contemporânea frente às diversidades.

Gomes et al. (2022) alertam para a falta de apoio institucional e medidas eficazes, transformando a escola em “território do medo” para estudantes LGBTQIA+, enquanto Pereira e Santos (2023) reforçam a necessidade de inclusão curricular e intervenções pedagógicas para enfrentar a LGBTQfobia.

No âmbito da gestão escolar, Franzo et al. (2023) e Santos e Lage (2022) destacam o papel estratégico dos diretores, embora resistências institucionais e lacunas formativas ainda comprometam ações inclusivas. Fetter e Silva (2022) apontam que gestores que incorporam gênero e sexualidade como eixos estruturantes podem reconfigurar protocolos, currículos e práticas formativas, promovendo inclusão mais efetiva.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

Quanto à formação docente, Silva et al. (2023) e evidenciam que, apesar do reconhecimento da importância dessas temáticas pela BNCC e BNC-Formação, sua abordagem permanece superficial, dificultando a atuação crítica dos professores.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, por compreender que as questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia no ambiente escolar não podem ser reduzidas a dados numéricos, exigindo uma escuta sensível às experiências e significados atribuídos pelos sujeitos sociais (Minayo, 2000; Yin, 2016). Como estratégia metodológica, utiliza-se a história oral, que possibilita valorizar memórias e vozes frequentemente ausentes nos documentos oficiais. Nessa perspectiva, a entrevista narrativa é compreendida como um processo dialógico de construção de conhecimento, no qual pesquisador e narrador constroem sentidos (Portelli, 2016).

O campo empírico é composto por oito diretores de escolas públicas de Teresina (PI), contemplando todas as etapas da educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, dois representantes em cada. Essa escolha busca abarcar diferentes realidades, permitindo observar singularidades e recorrências na gestão escolar diante das questões investigadas.

A seleção dos participantes ocorre por amostragem intencional (Portelli, 2016), com questionário inicial para triagem, aplicado a vinte e quatro diretores, correspondendo ao triplo do número final de entrevistados, com o objetivo de identificar narradores cujas experiências dialoguem com os objetivos da investigação e posterior realização de entrevistas narrativas gravadas, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo ética e sigilo. As entrevistas serão transcritas integralmente, preservando as marcas da oralidade, e analisadas por meio da análise de conteúdo (Bardin, 2016), com codificação e categorização temática que articula o referencial teórico às dimensões emergentes das narrativas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares, advindos da revisão de literatura de estudos com enfoque semelhante, indicam que as questões de gênero e sexualidade são frequentemente reconhecidas



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

no ambiente escolar, mas pouco problematizadas pela gestão escolar, o que evidencia um distanciamento entre percepção e ação. Em muitos contextos, essas temáticas permanecem invisibilizadas, dificultando a formulação de estratégias preventivas e de práticas pedagógicas mais efetivas. Entre os desafios, destacam-se resistências culturais, pressões familiares e lacunas na formação inicial e continuada dos gestores. Apesar dessas barreiras, algumas experiências relatadas na literatura evidenciam práticas pontuais de acolhimento e mediação, sinalizando caminhos para a construção de uma gestão mais inclusiva e sensível à diversidade (Franzo et al., 2023; Santos; Lage, 2018).

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O estudo reforça a centralidade das narrativas da gestão escolar para compreender como as questões de gênero, sexualidade e LGBTQfobia são abordadas, percebidas ou, em muitos casos, não visualizadas no cotidiano escolar. Até o momento, emergem quatro hipóteses principais: Reconhecimento das violências, porém com baixa institucionalização de respostas; Invisibilidade curricular das temáticas de gênero e sexualidade; Tensões com famílias e comunidades em torno dessas questões; Práticas de acolhimento com potencial de sistematização.

Os próximos passos incluem a consolidação dessas categorias por meio da coleta e análise do material de pesquisa, bem como a elaboração de um produto educacional, conforme exigido pelos programas de mestrado profissional. Esse produto será desenvolvido na forma de uma oficina formativa voltada a diretores escolares, com ênfase nas questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar, a ser utilizado como instrumento formativo para gestores escolares.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



CONBEGSC - 2025

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA; TAKANO Cidadania (org.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2002. p. 1–6.

DUTRA LIMA, Chirlei; SANCHES, Nanci Patrícia Lima. A construção do eu feminino na música popular brasileira. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 181–205, jan./jul. 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/3694>. Acesso em: 30 ago. 2025.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, Jan Clefferson Costa de; MAIA, Natália Cristina Medeiros de. Intersecções da transgressão: o pensamento feminista de bell hooks. *Cronos: Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais*, Natal, v. 25, n. 2, jul./dez. 2024.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado da et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. São Paulo: ANPOCS, 1984. p. 223–244.

GRELO. *De graça ou pagando*. [S. l.]: Grelo (canal oficial no YouTube), 8 ago. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H_Ux_GFy55g. Acesso em: 29 ago. 2025.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Heci Regina Candiani. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KIAN, K. de O.; ALVES, A. M. P. Representações de gênero e reificação da mulher no estilo musical sertanejo universitário. *Revista Hipótese*, Bauru, v. 2, n. 3, p. 159–184, 2016.

LIMA, Dulcilei da Conceição. A mulher na produção cultural brasileira: invisibilidade e fomento. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 11., 2015, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Universidade Federal da Bahia, 2015.



CONBEGSC

Congresso Brasileiro de
Educação, Gênero e
Subjetividades Contemporâneas



Para além dos grandes centros: Gênero,
Educação e Interseccionalidades
pensadas a partir do Interior do Brasil

24, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2025
SOBRAL – CE

LIRA, A. do N. *De Severina Xique Xique à locadora de mulher: representação do gênero feminino nas músicas de forró*. 2012. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História Cultural) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2012.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MARCYNHO SENSACÃO; WESLEY SAFADÃO. *Tu xêra*. [S. l.]: Sony Music Entertainment, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y6zqudVkoRE>. Acesso em: 29 ago. 2025.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PAULA, Adriana Sydor de; MACHADO, José Barbosa. Representação da mulher na música popular brasileira: entre musa e objeto. *Revista de Letras da UTAD*, Vila Real, série III, n. 3, p. 119–137, 2022.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2023.

SCHWARZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

